

05 JUL 1989

# Abreu promete pagar juros vencidos ao Clube de Paris

JORNAL DO BRASIL *Dívida ext.*

BRASÍLIA — O Brasil pagará nos próximos dias os juros da dívida externa junto ao Clube de Paris, assegurou o ministro do Planejamento, João Batista de Abreu. Na última sexta-feira, o país deveria ter pago uma parcela de US\$ 232 milhões e outros US\$ 580 milhões na segunda-feira. Abreu afirmou que a centralização do câmbio no Banco Central "não significa absolutamente que vamos deixar de pagar". A adaptação administrativa a esta medida, segundo o ministro, é que motivou o atraso no pagamento dos juros ao Clube de Paris.

Indagado sobre o esforço que algumas lideranças partidárias estão fazendo no Congresso Nacional para viabilizar um apoio às medidas econômicas do governo, o ministro disse que se trata de uma "demonstração que nos permite alguma esperança de que o Congresso seja receptivo no futuro próximo", afirmou.

Abreu vê dificuldades para tomar iniciativas na área de déficit público em virtude das restrições constitucionais, principalmente o princípio da anterioridade que remete a aplicação das decisões de política fiscal para o próximo ano. "Mas não há nenhum desvio fiscal que justifique preocupação dessa natureza", ressaltou.

O ministro garante que não há risco de uma hiperinflação, destacando o papel estabilizador da indexação da economia. Segundo ele, a inflação em julho ficará um pouco abaixo dos 24,83% registrados em junho. "Não chegará absolutamente a 30%", disse. O primeiro sinal

do IPC deste mês será dado pela divulgação do INPC os dias 11 ou 12 próximos. "Houve uma acomodação dos preços e o resultado de julho reflete o descongelamento", analisou.

Segundo Abreu, o presidente José Sarney assinará um decreto nos próximos dias orientando os dirigentes das empresas estatais na definição de regras de negociação com os funcionários que ganham mais que vinte salários mínimos. Pela política salarial em vigor, o que exceder este patamar deve ser negociado livremente entre empregado e empregador.

A suspensão do pagamento dos juros da dívida externa aos bancos comerciais, na hipótese de esvaziamento das reservas nacionais, pode representar "um desastre para o Brasil", como a perda da confiança e do bom nome perante a comunidade financeira internacional. A afirmação é do presidente do Arab Banking Corporation (ABC), Abdulla Saudi, o maior banco árabe credor do Brasil e membro do comitê de negociação da dívida externa brasileira. Para Abdulla Saudi, que em sociedade com as Organizações Roberto Marinho entra no mercado financeiro brasileiro com o Banco ABC-Roma, inaugurado esta semana, o governo brasileiro deve negociar até o fim com o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial para conseguir novos financiamentos.